

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XXI — N.º 566 — Preço 1\$00
20 DE NOVEMBRO DE 1965

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Fez dois anos no dia 16 que dois pequeninos grupos de gente pequenina tomou posse em Malanje e em Benguela do lugar dos seus trabalhos.

O grande mundo não deu fé. Alguns dos mais conscientes e prevenidos alegraram-se e deram-nos no seu acolhimento dos frutos que a nossa ida lhes produzira. Depois, muitos outros conscientes foram sendo prevenidos e juntaram o seu regozijo ao daquele pequeno número inicial, juntaram-no em realidade — e assim foi possível realizar em tão pouco tempo o que já está feito, que é notável.

Este «acreditar no impossível», este «esperar contra

ÁFRICA

toda a esperança», este «ver a Obra feita antes de começada», de que nos fala Pai Américo, é o grande testemunho que nos compete dar e pela graça de Deus temos dado, naquela pequeno mundo de gentes em grandes mundo de terras, onde os bens que elas guardam ou prometem são a grande razão de lá morar.

O grande mundo de quem — mar agita-se de vez em quando em palavras vazio de conhecimento da Verdade. A Verdade, que Nicode-

mos naquela noite perguntava ao Senhor Jesus, o que era — e os sábios do século presente nem perguntam, orgulhosos da sua ilusória sabedoria! Ia a dizer pobre Verdade... mas não; digo, antes: pobres de nós, cidadãos de um mundo onde a Verdade, incarnada em Cristo e na Sua Igreja, é tão pouco conhecida e tão mal estimada!

Pois, fez dois anos que se acenderam naquele grande mundo de terras — pequeno mundo de gentes dois pequenos lu-

zeiros da Verdade. Pequeninos, mas não frouxos, que a sua chama tem vindo a acender-se sempre mais e eles tendem a ser claro com a intensidade que o Senhor lhes tiver marcado e que a nossa fraqueza não estorve. É a presença do fermento na massa. Não provoca agitação, nem palavrórios. O mundo destes e daquela nem dá por nós — e é natural, que a Verdade só faz eco nos humildes e nos de boa vontade. Mas a presença de Deus no meio daqueles que se reúnem e O invocam como Pai, vai-se manifestando — e os humildes e de boa vontade, porventura nas trevas por falta de

Cont. na 2.ª página

Aqui Lisboa

Estão os leitores recordados, com certeza, de termos, nestas colunas, chamado a atenção para a disparidade com que, por vezes, se tratam os seres humanos e os irracionais, concluindo haver homens que vivem e morrem como animais, enquanto há destes que vivem e morrem como homens. Pois, um dia destes, recebemos uma carta (sem remetente, diga-se de passagem), acompanhada dum recorte de jornal, com uma foto de um cão «subtraído» a um paio, alusiva a cerimónia de benção de animais realizada em país estrangeiro, e acompanhada de palavras do juiz que se transcreve textualmente: «Este, os abençoarão, o Senhor! repugnar-lhe os epítetos e mausoléus! espantoso num padre! Infelizmente li o seu artigo... É bem triste que não concorde, e até lhe repugnar! a atitude de espírito de quem quer caridade a esses infelizes...!» (O sublinhado é nosso).

Não valeria a pena referir o transcrito se tal não traduzisse séria deformação, própria duma mentalidade muito espalhada entre quem se diz cristão, e com reflexos bem tristes na vida. Quem assim pensa ou procede desconhece serem os animais destituídos de razão e de personalidade, pelo que não são sujeito de direitos, ao inverso da pessoa humana. E, embora o

homem não possa utilizar aqueles de forma absoluta e indiscriminada, contrária à razão, não deixa de ser senhor deles como de todas as criaturas em geral, podendo servir-se de tudo como meio para obter fins lícitos e honestos. Equiparar os animais ao homem é, pois, monstruosa aberração.

A Igreja tem benção para tudo. Ao abençoar, por exemplo, um grupo de animais, fá-lo na visão de que tudo deve ser para glória do Criador, no recta serviço do homem, a primeira das criaturas. E se, na linha paulina, a própria natureza foi afectada pelo pecado original, tudo deve, por fruto da Redenção, ser reconduzido ao seu lugar, para nas mãos do Rei da Criação, louvar o Senhor de todas as coisas.

Se aos animais, e a outras criaturas carecendo de razão prestamos, por assim dizer, preito de admiração e de apreço, fazemo-lo por causa de Deus que os criou (S. Francisco assim agiu). Em si mesmos, todavia, não podem ser objecto do nosso amor de caridade, porque não têm capacidade de vinculação a Deus e conosco por meio do elo do amor cristão, que é amizade espiritual e beatificante. Os animais não constituem, assim, o nosso próximo e, se Cristo continua passando ao nosso lado, de pesada cruz às costas, nu, esfomeado e doente, é a Ele, nas pessoas dos nossos Irmãos, que se devem dirigir todos os cuidados e atenções. A verdadeira e única Caridade deve, por outro lado, atender em primeira mão à miséria mais profunda, da alma e do corpo, e, em igualdade de circunstâncias, acorrer em socorro do próximo mais próximo por motivos de laços naturais, de parentesco ou de amizade, ou aqueles que nos estão confiados. Isto é que flui da definição do Apóstolo do Amor: «Deus caritas est». Dar guloseimas aos simples bichos, quando destinamos, por sistema, as migalhas das nossas mesas aos Irmãos esfomeados; vestir de capas de oleado ou do

Cont. na SEGUNDA página

Areias do Cavaco

A história é simples. E de tão habituados a ela, quase nos parece acontecimento banal. Mas não. Não é!

Já a noite descera sobre a cidade de Benguela. Quando toda a gente recolhera a casa, em busca de repouso, depois de mais um dia de trabalho, um drama se desenrolava.

Foi mesmo à porta da Igreja onde fui cumprir o meu dever de Padre. Alguém me esperava, inquieto. E começa a desfiar... os fios da «meada».

«Há dois dias que não come. Diz que é da Gabela. A mãe, preta, morreu, há pouco tempo e o pai, branco, abandonou-o, regressando à Metrópole. Tem 13 anos. A cama, esta noite, foi um dos bancos de jardim da cidade. É preciso dar-lhe a mão! Leve-o consigo! Ele está ali».

Ouvi. Olhei o Armando, assim se diz chamar, pois nem registado e baptizado está.

Armei-o. Temos que repetir os gestos de Cristo. Temos de O ser.

Tudo o que o Amigo me disse, foi confirmado pelo pequeno. Travámos um breve diálogo e não consegui provocar-lhe um sorriso. Os olhos dele permaneciam presos ao chão!

Nas casas, ao longe e ao lado, sentados à mesa, pais e filhos estão felizes. O Armando não. Não tem alegria.

Carreguei-o aos ombros, como carga preciosíssima, em riscos de ser lançada fora.

A cidade, mergulhada em semi-escurecimento, não deu fé da nossa passagem. Eis a imagem

de uma sociedade doente, adormecida, insensível!

Chegamos a Casa à hora do jantar. As mesas cheias. A

Cont. na SEGUNDA página



Um pormenor da entrada principal da Casa-Mãe de Benguela



O Pobre é um agarrado. Agarrado ao meio onde vive, ao seu cantinho, aos seus trapos — o seu pequeno horizonte.

O Senhor Vitorino tinha-me pedido, na última visita, que o levasse para o Calvário. Pois, quando o P.e Baptista o foi buscar, já não quis e coisa curiosa, tinha adoecido a cismar com as saudades que já sentia do seu buraco, onde não se cabe de pé, nem ele pode mais que sentar-se na cama. Não foi para o Calvário. Como nós somos agarrados à nossa liberdade, ao que é só nosso, embora por isso isolados completamente dos outros e impermeáveis à comunicação da sua caridade! Esta atitude, por mais pessoal e humana e portanto de respeitar dentro do princípio da liberdade de consciência de cada um, não é cristã. E o Senhor Vitorino continua no seu direito de ser ajudado por nós, mesmo quando não aceita a melhor e a maior ajuda que seria o Calvário.

Outro caso. A Rosinha, apesar de cancerosa, sem ajuda, certas nem o mínimo para atenuar o seu mal,

BARREDO

nunca aceitou ir para o Calvário. Nem sequer para o hospital conseguiram levá-la, quando o mal se agravou e não pôde mais sair do leito. O amor ao seu cantinho levou-a a não querer sair até ao último alento. E foi dali que a Rosinha, tantas vezes visitada por Pai Américo, voou ao Céu, num destes dias chuvosos do Outono. Quatro amigos do caixão: três visinhos e um senhor Doutor que há muito a visitava foram levar-lhe a última ajuda. Não houve ajuntamentos nem mais ninguém. O Pobre é pobre até de amigos. E o Barredo que é terra de Pobres, é pobre até de amigos. Já muitas vezes o problema social, característico como é, foi posto a nú em jornais. Já mereceu a atenção e visita de pessoas, as mais responsáveis pela so-

lução, que de certeza se inteiraram da verdade. E o Barredo não muda. Ora bem. Mudam as pessoas! A Rosinha morreu... Que se feche a casa dela e não seja consentido novo aluguer. Mesmo que tivessem de baixar as contribuições e impostos das proprietárias. São características as proprietárias daquelas zonas! Será que os maridos não existem ou tenham problemas de mais subido interesse?!

Há uma família posta na rua por não pagar a renda? Que o seu quarto fique deserto. Pois se não é possível habitar qualquer prédio novo, sem uma vistoria da autoridade, que dizer dos que por velhos e anti-sociais são impróprios?

Estas soluções não são a solução, mas facilitam a tarefa a quem um dia se resolver a dar a mão. Na evolução corrente e encadeada de todas as coisas, mórmente das que coordenam o urbanismo, a grande faceta do progresso, o Barredo há-de mudar!

Padre José Maria



Cont. da PRIMEIRA página
sopa, o conduto, o pão, a al-gazarra, a alegria dos donos da Casa.

Abre-se a porta do refeitório. Um mundo novo para o Armando. Há muitos dias que não se ria, nem via ninguém sorrir-se para ele. Hesita. Todos o fitam. Todos o querem a seu lado, à mesa. Vão pelo prato dele e pelo talher. Há quanto tempo não se senta a uma mesa farta como esta?

E o Armando abre-se. Sorri. Estava em sua Casa. Isto é a Casa do Gaiato.

— x —

Campanha de assinaturas — Amigos, o jornal «O Gaiato» tem de chegar a todos os re-antos desta nossa Angola. E há-de chegar pelas mãos dos inúmeros amigos. Que nenhum descanse enquanto houver uma casa onde «O Gaiato» não entre ainda.

— x —

OBRAS — Continuam. Não há-de parar, assim o cremos. A Casa-Mãe já recebeu a primeira placa. A padaria e lavanderia já saiu do seio da terra e cresce que é um regalo. A Carpintaria espera

a sua hora. Entretanto, os materiais vão chegando, no momento oportuno: Uma camioneta de tijolo, do Colégio de N.ª S.ª da Conceição; mais outra do Lobito e mais duas de blocos de cimento também do Lobito, 100\$00 mais. 100\$ mais 100\$00, da Catumbela. Um anónimo de Nova Lisboa com 600\$00, em vale de correio. Tintas várias.

Paremos. Meditemos. Uma anónima, passa por nós e deixa 7.400\$00 e «que ninguém saiba». Toda a fecundidade deste dar está no «que ninguém saiba». Uma nota de 500\$00, na Drogaria Coelho, do Lobito, do João e Zé. Pessoa amiga de Lisboa dá 100\$00. Outra paragem, outra meditação. «Tome lá 1.000\$, uma dívida de há tempos». É da Catumbela. Mais 300\$00, do Lobito, de uma promessa e mais 250\$00, de pessoa muito dedicada e ansiosa por ver a Aldeia crescer. Mais 500\$00 de dois rapazes que foram nossos e que nos vieram ver. Os 1.000\$00, do costume, da C. B., os 500\$00 de P. e Irmãos, e 500\$00 de J. D. A. Mais um recado para irmos à Catumbela por uma camioneta de tijolo.

Louvado seja Deus.

PADRE MANUEL

Filhos de pai incógnito

O jornal trazia a notícia. A fotografia da vítima trazia esta legenda: «A pequenina Rosa Benvida — que não tem pais».

Como nem todos leram, eu vou reproduzi-la:

Era uma vez um homem casado e com filhos. De relações ilícitas nasceu uma menina. A mãe morreu no parto. O pai, consciente da responsabilidade, quis reparar a sua falta, chamando a si a filha. Para tal confessou à esposa o seu adultério e pediu-lhe que consentisse

em registá-la como se fora filha do casal. A esposa compreendeu e nobremente consentiu.

A criança foi registada a contento daquele legítimo casal. E o caso ficaria por aqui, se não se soubera da origem daquela criança. Soube-se. O pai foi processado por falsas declarações no registo civil e condenado pelo tribunal a prisão, multas e impostos.

E a Rosa Benvida? Essa, embora a lei pareça que não deu fé, foi condenada a não ter pais. Pobres juizes, que tantas vezes têm que condenar pelos ditames dos códigos, que não pelos da consciência! E a Lei de Cristo?!

Andamos com os olhos fechados, e não queremos abri-los, com medo de vermos nomes ilustres no banco dos réus. É verdade: todos nós sabemos que muitos filhos de pai incógnito sabem quem os gerou: um senhor fulano de tal a quem muita gente tira o chapéu e cumprimenta com vénias.

Pois o nosso homem quis registar a sua filha. Mentiu no registo, é certo. Mas que outra maneira havia para cumprir o seu dever de pai? — que o é! Mas a lei não diz assim.

Eu não percebo nada de códigos, mas vejo nisto duas mentiras: Uma com uma nobre intenção — O pecador que quer reparar a sua falta. A segunda, está no registo contra a natureza a que a própria lei abriga —

Filhos sem pais é coisa que jamais se viu.

É uma mentira tolerada e tida até como norma. Todos nós o vemos. Todos nós sabemos. E temos fechado os olhos. E somos cobardes, e cultivadores das trevas, nós que devíamos ser filhos da Luz.

Deus permita que a pequenina Rosa Benvida não se torne flor murcha, que as más vindas do mundo marchou.

ERNESTO PINTO

ÁFRICA

Cont. da PRIMEIRA página

quem iluminasse, vão vendo, vão acreditando, vão esperando, vão amando, amando em realidade que é a única fórmula autêntica e viva do amor. E o Reino de Cristo vai conquistando almas naquele pequeno mundo de gentes e alastrando naquele grande mundo de terras. Vai crescendo mais em profundidade do que em extensão, o que não é a forma mais vistosa, mas é a mais genuína de um crescimento que se projecta na Eternidade.

Tudo discretamente no meio de um mundo onde não falta quem grite que Cristo é Rei. Mas outra coisa é deixá-lo reinar!



mais quente tecido os lulus ou bichanos, quando recusamos agasalhar os nus; recolher os animais doentes ou vadios, desprezando legiões de Irmãos sofredores e sem abrigo — é olvidar a hierarquia de valores e destruir a linha vital que, em Jesus, nos torna irmãos uns dos outros, filhos do mesmo Pai. Louvar a Deus no «irmão lobo» ou nas simples pedras da rua como Jez o Sonto de Assis, não significa, por conseguinte, Homem igual a irracional. A distância é infinita, mas ainda fica nurgem, se se tem consciência cristã bem formada, para deixar de maltratar aqueles que não têm alma... É terminamos com um facto

Cont. da PRIMEIRA página recente. Regressávamos ao Tojal vindos da praia. Como o sono apertasse, com os Rapazes que trazíamos no carro, resolvemos tomar café numa das terras do percurso. Eis que se nos deparou um chocante quadro: um lobo de Alsácia, bem lindo, por sinal, de patas numa das mesas, recebendo bolachas, dadas por alguém. Reparámos, de propósito, nas reacções dos pequenos acompanhantes: boca aberta e silêncio tumular. Nem poderiam ser outras as atitudes de quem, até há pouco, desconheceu o mínimo compatível com a dignidade humana e com a condição

de filhos de Deus. À mente, acto contínuo, o quadro de algumas dos nossos Filhos que chafurdavam, é a expressão correcta, nos caixotes de lixo, ante a passividade ou egoísmo de muitos de nós. Há animais tratados como «príncipes», enquanto... À angústia inicial, graças ao Senhor, seguiu-se um propósito salutar e firme: procurar, cada vez mais, fazer tudo pelos Irmãos mais caídos, sem deixar de tratar os animais bem, mas como tais. Meu Deus, é que, apesar de tudo, um homem é um Homem e um bicho é apenas um bicho...

PADRE LUIZ



Do que nós necessitamos

Ainda em favor daquela família dos 20 contos, a juro altíssimo, recebemos 1.000\$00 do nosso assinante 23986. E informamos este Amigo que o caso foi solucionado, graças a Deus e à presença dos nossos leitores. Do Porto, 200\$00, parte dum prémio saído no Totobola. Para o que for mais necessário, 50\$. Mais Covilhã com 200\$00. De M. H. 50\$00. Dos muitos donativos apontados nesta coluna, alguns são destinados à Senhora Carlota do Barredo, que não é esquecida pelo nosso P.e José Maria, quando «visita» esses lugares de mártires, heróis e santos.

Do ass. 11460, 20\$00. Da Foz do Douro, 3.000\$00, sendo metade pró «Calvário». Uma telefonista com 62\$00. Do Pequeno Louvre, 20\$00. Anónima com 500\$00. Por intermédio da Ideal Rádio, 10\$00. Do Bairro da Pasteleira, 100\$00. Um par de sapatos de Benguela. Livros usados de Águeda. Ao nosso amigo de Lisboa, que ainda envia lâminas, dizemos que sim senhor. Temos recebido as anteriores encomendas.

Recebemos um excelente mobiliário de consultório e medicamentos, oferta de um nosso bom Amigo, do Porto, 6 contos de Braga, 10 dollars numa acção de graças a Pai Américo. Lisboa com 25\$00. Mais livros prá biblioteca. À ass. 21704, da Av. 31 de Janeiro em Lourenço Marques, dizemos que temos recebido, 50\$00 do Porto. A Coimbra, assinante A. P. Pais, obrigado pela encomenda e a certeza de que tudo recebemos. 100\$00 de Maria. Dum advogado, 2 dicionários de português. Mais um cheque de 5 contos, de Lourenço Marques. Da mesma procedência, mais 1.000\$00.

António com a sua habitual presença, 2 bilhetes da lotaria, de Lisboa. Coimbra com 60\$00. Do Porto, 225\$00 para assinaturas e uma promessa. Tomar com 100\$00. Mais de Lisboa, 50\$00. Soure com os 20\$00 de sempre. Roupas de Elvas, Lourenço Marques, Aveiro. Porto, Carviçais, Caxias e Santo Amaro. Castelo de Paiva com 100\$. Dum primeiro ordenado, 45\$00. Duma subscrição feita entre o Pessoal do Metropolitano de Lisboa, desde os Inspectores aos Auxiliares, rendeu 243\$50. Mais uma migalhita da Avó de Moscavide. Peúgas tiradas, da Lindameia. Linhas de costura para todas as nossas Casas, da Companhia de Linha Coats & Clark, L.da.

1.000\$00 no Lar do Porto, 10\$00 em selos de Lamas. De Pinhel, 40\$00. Rio Tinto com 100\$00. Anónimo do Porto, com 500\$00. De Celeirós — Braga, 100\$00. «Para o mais pobre dos pobres», 100\$00. E para o Porto, assinante que subscreve a legenda «Obra de Deus para os Pobres», informamos que da última vez a carta nada trazia, talvez por engano. Lisboa com 120\$00. Anónima com 100\$00. Ass. 16264 com 30\$00. Mais

anónimos com 50\$00 e 20\$00. Da Casa Rocha, 500\$00. Gaia com 50\$00. Uma camisola de Lourenço Marques e roupas da Póvoa de Varzim. Dum amigo, marítimo, residente na Holanda, 16.034\$00 creditados em nosso favor no Banco Pinto de Magalhães.

De «uma amiga da Obra», 200\$00, sua presença habitual. Minha senhora, há necessidade em estarmos em contacto, mas não sabemos a direcção. Mãos de vaca, de uma senhora do Porto. Por alma de Agostinho Tavares, 500\$00 de Coimbra. Uma Penichense com 100\$00. Mais donativos da Invicta de 50\$00, 20\$00, 40\$00, 100\$00, 40\$00, 100\$00, 200\$00 e 100\$00. Duma promessa, 1.550\$00. Ilhavo com 100\$00. Do Sr. Manuel da R. da Corticeira a sua presença sempre amiga. Ass. 26306 com 200\$00. Do Casal Sousa Pinto, na sua visita de 14 de Outubro, 5.000\$. Mais uma bolada de 50 contos, de Lisboa, que foram logo direitinhos para a nossa Casa de Malanje.

E finalizo com esta carta:

«Com os meus cumprimentos amigos pedia-lhes que aceitassem este vale que junto envio, para vós muito especialmente para os que andam a estudar, qualquer que seja o ramo que seguem.

Decerto perguntarão porque para os que estudam e não outros?

A razão está que este dinheiro veio de estudantes. Foi uma campanha de Natal que se fez num colégio da provincia onde

estive. Alguém tinha um carro e dava «boleia» aos alunos. Chegou o Advento e com ele a campanha e uma das maneiras de se conseguir dinheiro para, além do amor e da palavra amiga dar qualquer coisa mais aos irmãos mais necessitados, era o preço da boleia — mínimo 1\$00.

Mas isto infelizmente tinha o seu particular, não tinha apoio algum da direcção. A pouco e pouco, ora por isto, ora por aquilo aquele ideal, aquilo por que se lutava, foi esmorecendo e nada se fez. Fiquei com o dinheiro que os meus rapazes e raparigas me tinham dado. Guardei-o na esperança de o empregar ainda nessa vila, mas vim-me embora, houve renovação de clero na paróquia, portanto agora qualquer envio era despropositado.

Lembrei-me então que o melhor e único caminho a dar ao dinheiro de um punhado de almas jovens, que se dão, que dão tudo quanto se lhes pede porque são pássaros que querem voar, era entregá-lo à obra dos rapazes, à obra de jovens também, que se preparam, eles, sim, também para um voo grande e nobre, lado a lado com todos os outros estudantes, ou são aprendizes de um ofício que amanhã os fará tão dignos como os que hoje se agarram aos livros.

Pedia-vos, ainda, do fundo do coração que nas vossas orações não esquecessem este colégio num vale entre serras colocado, para que amanhã Deus encontre ali um canto para viver em toda a sua plenitude, porque esse estabelecimento hoje mais do que nunca precisa das vossas orações.

Em nome desses meus ex-alunos e em meu, o nosso obrigado.

A minha amizade pora vós gaiatos».

MANUEL PINTO

Burocracite

Ora aí vai, sem tirar nem pôr, o que há dias li num jornal diário. Vai, com um voto muito caloroso, de que estas «coisas dos ingleses...» aconteçam também aos portugueses... mas não somente, «para inglês ver»!

LONDRES, 12. Na Inglaterra — soube-se hoje — vai ser nomeado um «Campeão da Rainha» cuja missão será a de terçar armas em defesa do cidadão vulgar contra as injustiças de que seja vítima da parte de organismos oficiais ou de funcionários excessivamente zelosos.

É esta a primeira vez, na já longa história do país, que o «homem da rua» terá absolutamente grátis, um defensor oficial ao seu exclusivo serviço com armas suficientemente poderosas para lutar contra o dragão da burocracia.

Este «funcionário independente» será nomeado pela Coroa, apoiado pelo Supremo Tribunal, completamente autónomo do poder executivo e livre de toda a espécie de interven-

ção por parte dos chefes das repartições do Estado. Apenas o Parlamento, terá poderes para o substituir.

Não se sabe, por enquanto, quem vai ser nomeado para tal cargo, nem quanto o será. Mas afirma-se que deve ser escolhido para tais funções um eminente homem de leis, sem quaisquer relações com partidos políticos, podendo a sua nomeação ser feita dentro de poucas semanas.

Desde já, começa a reinar a preocupação entre os funcionários obstinados, ineficazes ou negligentes. Calculam os observadores que venham a ser apresentados, em média, 14.000 queixas por ano — embora cerca de 80 por cento não tenham fundamento suficiente para que o «Campeão da Rainha» possa entrar em acção. — (ANI).

Visado pela
Comissão de Censura



Por vezes a carência de recursos financeiros em nossas Casas torna-se problema tão embaraçoso, que só quem é pobre o conhece. Presentemente devemos alguns meses de salário aos operários que erguem as construções. As despesas domésticas normais, de há tempos para cá estão em débito. E a conta do Banco apresenta-se igualmente devedora. As aflições sobrevêm, porquanto os meses passam mais velozes nestas alturas.

Ora, porque é o local mais apropriado, escolho a capela para uma comunhão franca com os doentes. Ali dou-lhes inteiro conhecimento da situação que atravessamos, para que ergam as mãos ao Alto. O pão nosso que pedimos com instância, queremos que eles o peçam do mesmo modo. Ele nunca se suplica tão veementemente o pão como

têm, substituindo-O a Ele no governo desta Casa, que a Ele pertence. Suplicamos todos. E o Senhor responde.

No dia imediato ao da minha conversa com os doentes, comparece aqui um casal para ver o que já amava. Breve visita termina com um sobrescrito em minhas mãos e dentro dele cem contos em notas. O Senhor responde. E responde com evidência à aflição dos Pobres. Ele quer que O aceitemos como Senhor absoluto. A tentação de ir bater à porta dos que têm muda-se em desejo de lhes gritar que eles afinal são quem precisa dos Pobres, para que lhes valorizem o que possuem, para que dêem vida aquilo que nas mãos dos ricos é apenas metal ou papel.

Esta confiança no Senhor tem sido a nossa única segurança. Isto de se viver sem



As deficiências orgânicas desta pequenita do «Calvário» são um reflexo da miséria do seu calvário nas mansardas.

nestas emergências. Alguns doentes sabendo desta nossa penúria não jantam. O pão apresentou-se-lhes como coisa sagrada que Deus dá, e não tiveram coragem de tocar no jantar daquele dia. Quantos jantares não se comem distraidamente! Imerecidamente!

«A gente não sabia que o Sr. tinha dificuldades». Os doentes suplicam o pão. E eu ralho com o Senhor que está a deixar-me cair na tentação de ir ter com os que

subsídios, sem rendas, sem subscritores, sem aquilo que é costume em circunstâncias pareças é incompreensível para o hares que não poisam senão nas encruzilhas terrenas. Conscientes da nossa pequenez e limitação, queremos confiar como até aqui n'Aquela que é o Senhor. Queremos ser testemunha da presença de Deus operante e providente no mundo.

Padre Baptista



PELAS CASAS DO GAIATO

Lar do Porto

● Há dias, pela mão do nosso P. José Maria, fui ao Barredo. Explicar-te, como vivi a miséria que vi, não, não sou capaz. Digo-te apenas que nunca na minha vida, representei um grande papel. Parecia até um actor de teatro. Chorar? Não era apropriado para o momento. Rir-me da miséria deles? Também não poderia ser. Mas eu ri-me. Ri-me apenas para que lágrimas não puxassem lágrimas. E então, com um sorriso forçado nos lábios, e com os olhos húmidos, eu lá fui entrando nos tabiques onde moram os teus, os meus, os nossos irmãos. Do dinheiro que tu nos mandaste para diversos fins, foi que nós distribuímos, e à medida que iam deixando aqueles magros escudos, pedíamos-lhes que rezassem por nós e por ti. Quanto valor não terá a oração misturada com sofrimento! Pois meu bom amigo ou amiga, eu fiquei preso à vida miserável daqueles Pobres. Quero lá voltar, mas não quero ir de mãos vazias. Estou a escrever estas linhas com uma lapiseira emprestada, porque a minha, ficou nas mãos de uma pequenita que anda na 4.ª classe e ma pediu, dando-me em troca um beijo. Quero lá voltar e receber mais beijos. Faz-me teu recoveiro, se é que lá não podes ir. Dá-me as sobras do teu filho: Roupas, lápis, lapiseiras, livros etc., e em troca terás uma alma embrenhada no sofrimento a pedir por ti. Olha que os Pobres nunca esquecem quem lhes faz bem. Anda, encaminha os teus passos para o nosso Lar, na Rua D. João IV, 682 e com decisão carrega no botão da campainha, deixando lá as tuas sobras, ou então telefona-nos e alguém se encarregará de te fazer uma visita. Obrigado.

● No passado dia 1, como aconteceu todos os anos, tivemos na nossa Casa de Paço de Sousa o magusto da comunidade. Antes, porém, tivemos um jogo de futebol, de que, como de costume, saímos derrotados.

● Os nossos rapazes têm aparecido pelo Bolhão e graças a Deus, nunca vêm de mãos vazias. Que jeito nos tem feito a hortaliça, a carne e a fruta que lá nos têm dado. Não podemos esquecer, também, o pão que de uma Padaria nos vem. A todos vós, que não nos esquecem, o nosso muito obrigado e a certeza da recompensa do Senhor.

ERNESTO AUGUSTO

MALANJE

● Em primeiro de tudo peço desculpa aos senhores de Malanje e Salazar por não terem recebido notícias de Malanje. Não foi por preguiça, mas sim a obra de Malanje está a começar e nós temos que trabalhar se queremos ter mais rapazes na Casa.

● Venda de «O Gaiato» — Eu como vendedor tenho a honra de vos apresentar pela primeira vez a minha crónica.

● A venda de «O Gaiato» corre mais ou menos, tanto em Malanje como em Salazar. O Senhor Padre foi a

Carmona e quando veio trazer boas notícias porque o seu companheiro Joaquim vendeu os jornais todos e foi a primeira vez que se vendeu em Carmona.

Há quem diga que «O Gaiato» é caro mas quem compreender o que é «O Gaiato» nunca diz que é caro. Não é por 2800 que os senhores ficam pobres...

Somos cinco vendedores, quatro em Malanje e um em Salazar e andamos sempre satisfeitos por sabermos que estamos a trabalhar numa obra que é nossa e que é pobre.

De vez em quando lá aparece uma senhora que diz não querer «O Gaiato». Mas, quando se lembra que a Casa do Gaiato é pobre começa a chamar pelo vendedor.

Se todos fossem assim? Quem dá aos Pobres empresta a Deus!

● Obras — A Casa Mãe está quase pronta mas as escolas estão a começar. Estão uns na Casa-Mãe e outros nas escolas. O Senhor José e o Senhor Joaquim sempre satisfeitos por estarem a ajudar uma obra que também pode ser dos filhos deles e também vossos.

MANUEL FERNANDES

CALVÁRIO

● O «Calvário» foi inspirado por Deus a Pai Américo para servir de refúgio aos pobres doentes, desprezados por todos.

O «Calvário» tem sido a solução para alguns. E mais podiam ser, se os homens quisessem.

Deus é Pai e sabe a vida que nos concede. Como somos livres agimos como nos apraz. Mas... o dia terrível do julgamento virá.

E depois! Ele nos pedirá os talentos que nos entregou. Vivemos na época das velocidades. E não percebemos para que servirá tanta azáfama para afinal encontrarmos no nosso ser um vazío que nos causa tristeza e tédio! Ah! Se o mundo corresse menos e pensasse mais, como todos seríamos mais irmãos!

Apesar de todos os males que existem, Deus continua bem junto de nós.

Os doentes que têm vindo para aqui são bem o testemunho, que Ele tem sofrido e continua a sofrer pelos homens. E eles não se querem aperceber de que morreu na Cruz há tantos anos para nos salvar. E continua o mundo a derramar crimes sobre crimes!

Deus tem-se servido deste cantinho para trazer das voltas do mundo atordado muitas consciências embaladas e adormecidas no materialismo. Muitas graças temos de Lhe dar por tantas almas salvas. Umas do material, para ajudarem os que precisam.

E aquelas que têm vindo para o «Calvário».

Os desígnios de Deus como são! Estamos no mês de Novembro. Mas para os que acreditam na outra vida a Santa Igreja lembra as almas dos que foram nossos familiares, amigos e conhecidos neste mês denominado o mês das almas. As desprezadas?

Quantas poderíamos recordar as que passaram só aqui no «Calvário»? Só num cemitério vizinho estão para cima de 80! E quantos mais não seriam, além de outras que a obra ajudou e não morrer como animais sem alma, mas como filhos de Deus?

Sim, neste mês e neste cantinho recordamos os nossos irmãos doentes com romagens aos campos de repouso aonde aguardam a Ressurreição do corpo, causa de tanto abandono. Recordamos aos nossos leitores que o nosso «Campo Santo» apesar de certas dificuldades já tem 7 campos com doentes que eram outros tantos flagelos para a sociedade. Mas estão à espera de vós. Porque todos teremos que comparecer perante o Juiz.

E nós temos de fazer hoje o que outros farão a nós. Sepultar o corpo e rezar pela alma!

MANUEL SIMÕES

BENGUELA

● Amigos leitores: em primeiro lugar estimo que tenham lido todas as crónicas passadas e que continuem a ler todas as crónicas futuras, pois é por elas que muitas pessoas se orientam, e é por elas que muitas pessoas se abrem por amor à Obra da Rua.

● OBRAS — Em cada crónica de Benguela tem de vir este cantinho: Obras. Isso é verdade, meus senhores! Estimo que não se enjoem de ler este cantinho uma vez que está acima de todos os problemas da Casa, uma vez que é para que a Obra cresça que nós suamos todos os dias. Mas este suor às vezes é por falta de dinheiro: por falta de materiais para que a Obra cresça cada vez mais. Mas depois destas aflições, vêm outros que nos acalmam. São eles: a Companhia de cimentos do Lobito; duas camionetas de blocos em cimento também do Lobito; donativos, etc.. Mas tudo isto são pequenas pastilhas que nos vão mandando para que nós tenhamos mais fé em vós. A Casa Mãe cresce cada vez mais. Uma vez que ela cresce não a deixeis parar. Continuamos de mãos abertas para todos que quiserem dar. O que mais nos obriga a pedir é madeira, muita madeira para que se possam fazer os andaimes em volta da Casa Mãe e cobri-la.

Portanto, meus senhores, não se esqueçam de todos os pedidos. Ajudai a nossa Obra!

● JARDINS — É muito triste quando acordamos e olhamos a natureza e vemos só mata. Parece que nada sorri para nós. Mas o que sucede conosco não é isso. Dantes era mata, mas uma vez que se trabalha para o bem da humanidade também se trabalha para bem da natureza. E foi isso que aconteceu. Trabalhamos, suamos a pôr plantas em todos os recintos que rodeiam a Casa. Em frente da nossa há uma rotunda e no meio era tudo nu. Mas o nosso Américo lembrou-se de que aquilo não estava bem. Cavou o terreno. Fez os seus magníficos desenhos e toca a semear mais um canto que estava perdido e agora está belo! Agora, e a cada passo, vemos o Américo agarrado à mangueira todos os dias. Sente o amor que ele mesmo tem às suas sementeiras. Agora sim. Quando acordamos debatemos com o nosso rosto nas nossas plantas e elas parecem sorridentes para nós como que a dizer: Bom dia, rapazes! Estais todos bons?! Tratai-nos bem que nós também fazemos parte desta magnífica Obra que é a Casa do Gaiato!

ADUBOS — O Senhor José que é o capataz da nossa Lavoura, chamou-me a atenção para eu lembrar os Senhores para nos darem uns adubos para as nossas bananeiras que estão fracas. Temos mandado bananas para o Continente. E, na realidade, cheguei à conclusão de que é uma coisa bem perdida. Portanto, meus Senhores, mandem-nos adubos. Não se esqueçam deste pedido que nos está a fazer falta! Desde já fica o nosso muito obrigado se o pedido der resultado.

ANTÓNIO AUGUSTO

Lar de Lisboa

● Caros leitores:

Cá estou novamente para vos dar notícias do nosso Lar de Lisboa. Eis-nos de novo presentes no «Famoso».

● Vêm neste ano, novo ano lectivo, novos rapazes frequentar o liceu e Escola Técnica, São eles: o Toutinegra para o Liceu Passos Manuel; o Vicente e o Zé Manel para a Escola Técnica Manuel da Maia.

● Nos exames do passado ano não houve chumbos vindo eu nesse caso para o 3.º ano do Liceu. O Jacinto e o Papagaio passaram; o Jacinto para o 2.º ano da Escola Técnica e o Papagaio para o 2.º ano do Liceu. E agora os estudantes do Lar vão falar-vos:

Começamos pelo «Toutinegra»:

«Venho pela primeira vez frequentar o Liceu que é o Passos Manuel e desde já os estudos estão-me correndo bem».

O Vicente diz-nos:

«Venho estudar pela primeira vez e estou na Escola Manuel da Maia, e tanto eu como o Jacinto e o Zé Manel estamos muito agradecidos ao Sr. Director visto que nos forneceu todo o material escolar».

O Zé Manel:

«Amigos leitores pela primeira vez vos falo por intermédio do «Famoso». Venho pela primeira vez estudar estando muito satisfeito com meus companheiros da Escola Manuel da Maia».

O Jacinto:

«É a primeira vez que escrevo para «O Gaiato». Venho para o 2.º ano para a Escola Manuel da Maia. Estou bastante satisfeito por ter agora dois companheiros comigo na escola. Eu e os meus colegas queremos agradecer em especial ao Sr. Dr. Maurício visto que ele, duas vezes por semana, faz uma colecta em todas as turmas para a Casa do Gaiato».

O «Papagaio» (José Luiz):

«Caros leitores: venho dizer-lhes que estou no 2.º ano do Liceu e desde já estou muito satisfeito com os meus companheiros e professores. Espero ter boas notas neste primeiro período e penso ter este ano boa vontade porque tenho um ano de exames».

● Agora, amigos leitores, continuo esta crónica, dizendo-vos que temos cá uma nova Senhora, para substituir a Sra. D. Hortência, que se chama Sra. D. Isabel.

● Continuamos com o grande problema da habitação e mando-vos um novo apelo aos Srs. que nos possam arranjar uma casa espaçosa e barata. Termine esta crónica lembrando-lhes mais uma vez o nosso problema da habitação.

MÁRIO

NOTÍCIAS DA CONFÉ- RÊNCIA DA NOSSA ALDEIA

● Bato à porta. Mas noto estranho silêncio — não ouço passos. Sim um demorado «pode entrar» dorido e roufenho.

Dobro a soleira e vejo que está só... Ocupada na sua cruz. Ela é uma mulher que viveu os prazeres da vida. Conheceu a passa-

geira grandeza e riqueza do mundo. Mas um dia, com as voltas que o mundo dá, caiu na pobreza. E, daí, há muito já que lhe botamos a mão.

É dia de Todos os Santos. A Liturgia exalta e glorifica os usufrutuários do Reino. Recomenda perseverança aos justos e expressa um convite aos homens de boa vontade. Um dia cheio de Vida!

Ela não está só. Mas ocupada na sua cruz — em diálogo com o Senhor. — Hoje é dia de Todos os Santos...

Nós temos de pedir por todos... Deparo, então, com a mão trémula, a sacar um terzo debaixo dos lençóis, pousá-lo no travesseiro.

— Temos de pedir por todos... Prefiro não botar faladura. Calar a minha boca pecadora e abrir a alma — para aproveitar a Lição. Os Pobres são mestres! Até que as suas dores vão ao de cima. E foi mesmo preciso insuflar um nadinha de conforto.

— Eu peço ao Senhor que me dê Força e paciência para suportar a minha doença...

Fecha os olhos, como que em meditação. Um silêncio adorável! Torna a olhar e pega no lenço. Chora. Lágrimas de santos — em dia de Todos os Santos!

— Precisa de alguma coisa?... Os olhos cerram, novamente. E o silêncio prolonga-se ainda mais.

— Se fosse a pedir... Não tive coragem de profanar o seu heroísmo! E quedei neste quadro, e outros idênticos, que o mundo ignora ou finge ignorar — o que é pior.

O remate do nosso encontro apesar de ser como habitualmente teve, nesse dia, um sabor diferente.

A pobre velhinha adora um dos nossos padres de Angola. Rara a vez que não pergunta se escreve, se está bem, quando torna.

— Mandem cumprimentos. E saudades... Eu rezo, também, por ele...

— Felizes quantos vivem da benção e oração do Pobre!

JULIO MENDES

A família cresce...

Serve o presente para o informar que graças a Deus chegou a minha hora de ser Pai. Sim! Graças a Deus nasceu um rapaz todo pimpão! Que lindo! Todo meu! Tudo tem corrido bem. Continua minha querida esposa no Hospital de S. João. Hoje vi-o pela primeira vez, pois nasceu na 5.ª feira às 5 horas da tarde, depois de 12 horas de sofrimento. Mas, glória a Deus não foi nada mau. Desde já um grande abraço e sua benção para nós três. O seu

Joaquim Moreira.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE